

Índices afetam câmbio indiretamente

por William Salasar
de São Paulo

As pesquisas eleitorais afetaram indiretamente o mercado de câmbio em dois planos distintos: o dos financiamentos externos para exportação/importação e o da entrada/saída de recursos das bolsas de valores.

No primeiro caso, alguns banqueiros afirmam que as instituições trataram de encurtar a oferta de linhas de financiamento de comércio exterior de longo prazo (180 dias para exportações) a partir de final de junho e início de julho, por recear estender o prazo para pagamento após janeiro, sob eventual governo do petista Luís Inácio Lula da Silva, que, à época, liderava as pesquisas. Corretores especializados e experientes em câmbio, como Francisco Gimenez Neto, da NGO Corretora de Câmbio, de São Paulo, contestam. Dizem que os bancos aproveitaram o pretexto da liderança de Lula nas pesquisas para escamotear o fato de que estava realocando as mesmas linhas não para a exportação, e sim para refinanciamento de importações, via um instrumento conhecido como assumpção de dívida. E pelo simples motivo de que as assumpções de dívida lhes facilitavam ganho maior do que empréstimos via os ACC.

De qualquer forma, após a primeira quinzena de julho, as linhas para financiar ex-

portações passaram a ficar mais baratas e mais disponíveis, juntamente com o crescimento vigoroso de Fernando Henrique Cardoso nas pesquisas. O movimento também coincidiu, lembra Gimenez Neto, com a desvalorização do dólar frente ao

real, o que praticamente extinguiu a atratividade dos financiamentos de importações - logo em seguida até proibidos pelo Banco Central.

No caso dos ingressos e remessas de dólar de investidores estrangeiros em bolsa, o

impacto sobre o câmbio foi de maior oferta, logo, maior queda da taxa da moeda americana, ou maior demanda, logo, alta da divisa internacional, conforme Fernando Henrique se aproximava ou se distanciava de ganhar ou não já no primeiro turno.